

Personalidades

Boletim Informativo do Comitê Pardo n°1 -
abril de 2009



Viva Lutz

José Luzenberguer

Elisa Wächter e Carla C. Mueller

José Antônio Lutzenberger, mais conhecido por Lutz, gaúcho que amou sua terra, e mostrou que o Rio Grande do Sul estava precisando enxergar seus problemas ambientais. Grande ambientalista que nasceu na capital gaúcha em 17 de dezembro de 1926. Era filho do artista plástico, arquiteto e professor Joseph Franz Seraph Lutzenberger.

De origem alemã, na sua infância era muito dedicado aos estudos. Aos seus doze anos, onde começava a 2ª Guerra Mundial, estava cursando o quinto ano primário na Escola São José, um dos tantos educandários bilíngues de Porto Alegre, no caso uma escola que apenas predominava as línguas de português e alemão, cujo o idioma oficial é o alemão. As aulas de idioma alemão foram proibidas.

Em sua adolescência, estudou num internato na Alemanha de sua mãe, onde passou a aprender os idiomas francês e inglês. Após ter concluído seu ginásio, foi convocado a comparecer ao serviço militar.

No início de 1947, aos 19 anos, Lutz começa a conquistar a sua identidade ingressando na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escolhendo este curso porque queria viver junto a natureza.

Continuou a sua formação em 1950, quando começou um curso de pós-graduação nos Estados Unidos, onde se especializou em, Edafologia, estudo dos solos, e Agroquímica, onde obteve uma bolsa de estudos da Universidade de Louisiana.

Voltou ao Brasil e se casou com uma estrangeira, contra a vontade de sua mãe. Era ela, Annimarie Wilms.

Após o jovem Lutzenberger não teve dificuldades em colocar-se profissionalmente, desde o ano anterior ao casamento trabalhava na Companhia Riograndense de Adubos, permanecendo lá por quatro anos. Em seguida trabalhou numa empresa do mesmo ramo, a Sulpampa, onde atuou como intérprete de línguas do diretor de uma multinacional a Basf, da Alemanha ao qual servia negócios para empresa Sulpampa. Viajou então para a Alemanha, onde permaneceu e foi convidado para atuar na multinacional Geigy, onde atuou na área de pesticidas.

Em 1959 mudou-se para a Venezuela, onde comandou o departamento agrícola da Basf. No início dos anos 60, nasce sua primeira filha, Lilly Charlotte, para sua grande alegria, e sete anos depois é enviado para o Marrocos, para dirigir uma nova base da empresa, atuando lá como técnico.

Lutz permaneceu três anos no Marrocos, e assim começou a perceber de que fato seu trabalho não era o de um naturalista, e sim, de um empregado do ramo da química que ajudava sim na poluição dos solos.

Em agosto de 1970 Lutzenberger já cansado da pressão dos diretores da empresa em aumentar o número das vendas, se demitiu da Basf e voltou ao Brasil, onde enfim se reencontrou com o naturalismo e aderiu a ele de alma e coração.

No verão de 1971, um grupo de naturistas, ao qual Lutz participava reuniu-se em Torres onde havia aderido rapidamente à proposta de formar uma associação visando proteger a natureza daquele local.

O Governador do Estado foi a Torres para lançar com estardalhaço, discursos e fanfarras de praxe, a pedra fundamental de uma plataforma turística que começaria a ser construída junto ao morro das Furnas. Sobre a plataforma seria erguido um grande restaurante, e o destino do esgoto seria o mar.

No ano de 1972, Lutzenberger começa a defender sua tese falando em suas palestras sobre Ecologia. Os seus quatro princípios haviam se tornado quatro portais que alteraram o olhar das pessoas em relação ao mundo.

A combatividade de Lutzenberger e seu grupo de amigos ambientalistas em torno dos temas árvores, cobertura florestal e áreas de preservação geraram movimentação em todo o Rio Grande do Sul, que na década de 70 conseguiu institucionalizar iniciativas como o da preservação das ilhas do Delta Jacuí, antes fadadas a virar depósito de lixo na região metropolitana, e o Parque Aparados da Serra, onde encontraram os remanescentes das florestas de araucária que no começo do século XX ainda eram abundantes no estado.

No ano de 1975, a indústria química ameaçou processar Lutzenberger por ele ter classificado uma campanha publicitária da Andef, a Associação Nacional dos Defensivos Agrícolas, como “ecopornografia”. Lutz referia-se a um filme exibido nos cinemas que mostrava uma lagarta devorando uma planta, no momento seguinte, aparecia um jovem químico trabalhando em meio a tubos de ensaio, e após passa um avião sobre uma lavoura, simbolizando a vitória dos defensivos em relação ao meio ambiente.

Na década de 80 vem falecer sua esposa, onde depois de sua morte embarca com sua filha a uma viagem para a Amazônia, e lá faz um documentário falando sobre a verdadeira paisagem que se passava na Amazônia, que os políticos do norte do país estava explorando e devastando a Floresta Amazônica, no qual teve grande audiência e repercussão mundial.

Em 1980, lança seu livro o Pesadelo Atômico, onde interpreta em linguagem perfeitamente compreensível a leigos que era afinal, a tal radioatividade, e demonstrava que o caminho nuclear não tinha nenhuma resposta aceitável para problemas tão cruciais quanto a posição do lixo dos reatores.

No município de Pantano Grande, próximo a Porto Alegre, onde já se vislumbra o pampa, a típica paisagem gaúcha dos campos e coxilhas, uma região outrora próspera devido a mineração de carvão e a criação extensiva de gado, nasce em 1987, O Rincão Gaia. Numa comemoração pelo seus 60 anos, seu amigo Gueller anuncia que está disposto a doar uma área de 11 hectares, situada ao lado da Fazenda Capão da Fonte, para que Lutzenberger possa dar existência material a um projeto. Nisso publicou um livro Gaia, o Planeta Vivo.

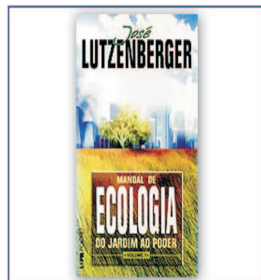
Mas já cansado e doente, em 14 de maio de 2002, Lutzenberger se despede deste mundo, e é então enterrado por seus seguidores no Rincão Gaia, em meio a natureza, lugar que ele próprio escolheu.

Referência Bibliográfica: Sinfonia Inacabada - A vida de José Lutzenberger
Autora: Lilian Dreyer
Editora: Vidicom

Ficha Bibliográfica do Lutz

Manual de Ecologia: do Jardim ao Poder

A sociedade moderna, principalmente as indústrias, não se importa muito com as leis da natureza, como se isso não fosse importante para a qualidade de vida para as pessoas. Tudo é feito pensando apenas no progresso e na maioria das vezes, em lucro. Mas pode existir progresso em harmonia com a natureza? O autor defende a idéia que sim, propondo alternativas e revelando os resultados de seus trabalhos práticos.



Fim do Futuro? - Manifesto Ecológico Brasileiro

Milhares de tribos indígenas viveram, não sabemos quantos milhares ou dezenas de milhares de anos, na Selva Amazônica, e em nada alteraram aquela exuberante Natureza. Onde nós hoje os deslocamos, nos confrontamos com a majestade primordial intacta da Hiléia - que passamos logo a profanar e destruir para sempre. Como sabe todo aquele que conhece de perto a vida indígena, o índio além de não devastar e emporcalhar o mundo em que vive, vive uma vida profundamente humana, caracterizada por formas de harmonia, de integração social e felicidade individual, que não tem paralelo nas sociedades modernas. Em sua cultura intacta, não contaminada pelo homem moderno, os indígenas não são anormais ou marginais.



Comitê Pardo

COMITÊ DE GERENCIAMENTO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARDO
Av. Independência, 2293, Sala 1312, bloco 13 CEP 96815-900
Santa Cruz do Sul- RS Fone: (51) 3717 7460
www.comitepardo.com.br E-mail: comitepardo@unisc.br